

Soares, Joaquim (Luís de Magalhães, *O Brasileiro Soares*)

Joaquim Soares é uma figura ímpar no tipo literário do *brasileiro*. Inegável protagonista de *O Brasileiro Soares* (1886), é, na obra, a única personagem impoluta. O “mestre” Eça de Queirós, a quem é dedicado o romance (ou novela longa) e que lhe consagra uma carta-prefácio, considera que o autor, Luís de Magalhães, mostra “no antigo tipo do Bruto a possível existência do Santo” (21). Asseverando que Magalhães “desbrasileirou o brasileiro”, Eça alude certamente às novelas de Camilo, como *Os Brilhantes do Brasileiro* - atribuindo ao tipo um “colete amarelo” (17), adereço pertencente ao camiliano Fialho, e que Joaquim jamais vestirá.

Soares constitui deveras uma *deslexicalização* do torna-viagem rico, soez e boçal, tipo vivaz de fatura nacional, desde talvez Filinto Elísio. A história decorre no Brasil (mas com ambiente e personagens lusas) e no Minho, a que Joaquim regressa, enriquecido após décadas de labor intenso. Na sua aldeia natal, a Guardeira, Soares ajuda a comunidade, compra a quinta e o palacete da Cardenha, triunfa em novos investimentos e casa com a bela sobrinha Ermelinda. Em breve é traído por ela, que acaba por fugir com o amante, administrador do concelho de Bouças, a quem o brasileiro, na sua imensa boa-fé, acolhia no solar. Reconhecendo finalmente a sua ingenuidade e as próprias qualidades de sinceridade e retidão, incompatíveis com a vida, Joaquim suicida-se.

Em adesão indefetível ao protagonista, o narrador omnisciente usa raramente a ironia, cuidadosamente doseada e sempre compassiva. O monólogo interior assegura frequentemente esta empatia; e a caracterização do protagonista pelas outras personagens reforça a fiabilidade do narrador.

Remotamente aparentado a Candide, Soares é, como ele, a encarnação incontestável de um caráter. Porém, desmentindo a caracterização do ingénuo de Voltaire (“Sa physionomie annonçait son âme”), Joaquim apresenta absoluta contradição entre o físico e a alma. A probidade, a humildade, a diligência, a generosidade e a afetividade – coexistem nele com uma fisionomia grotesca. Este contraste é grandemente responsável pela tonalidade realista e pela conceção “mimética” da sua caracterização, sublinhadas por Eça: “V., esquecido da Retórica, (...) chega a esta monstruosidade: tem um herói que ama ardentemente, que morre desse amor, e que usa grossas suíças!” (19).

Aos dezasseis anos, “ele era um minhoto atarracado, de largos ombros, bíceps de atleta, tórax saliente, e o pescoço curto e grosso, como o dos valentes bois do Barroso. (...): mas no seu olhar havia um não sei quê de bondade infantil que atenuava o aspeto desagradável dessa face quase alvar (...)” (25-26). Tomando enfim consciência de si, aos cinquenta, já grisalho, mira-se ao espelho e o seu autorretrato (“Achou-se hediondo e teve para a sua fealdade uma gargalhada de desprezo, digna de Diógenes.” (145)) confirma-lhe a coerência. Entre os dois retratos, joga-se a dinâmica interna da personagem. Infalivelmente feio, ingénuo traído pelo mundo, atinge a sabedoria no momento da morte voluntária: como uma autoimolação.

É recorrente a sua aproximação à figura do boi. Descontando possível alusão maliciosa, Soares é realmente bovino: levemente ogresco, como S. Cristóvão serviçal, forte, sensível e submisso, as qualidades de abnegação, resistência e rusticidade garantem-lhe uma vocação sacrificial. Do touro tem, contudo, a ira temível, como bem testemunha Lucas Pinto e adivinha Ermelinda (121). Íntegro e monolítico, sanguíneo e forte, pode assim Soares simbolizar uma forma elementar de virilidade.

Joaquim veiculará ainda sentidos ético-políticos e sócio-culturais. Contrastando com o materialismo, corrupção e ceticismo generalizados, representará um bom zé-povinho, um ideal de mobilidade social pelo trabalho honesto, ou os valores civilizadores do capitalismo burguês (veja-se o seu êxito na atividade agrícola e industrial), com preocupações assistenciais e repudiando tanto os vícios da política como o revanchismo social. Desgraçadamente, Soares não tem “gosto”: não se poupa a despesas na reforma do solar, destruindo preciosidades antigas e judiciosamente conferindo-lhe “um aspeto interior burguês e incharacterístico” (52). Emotivo, não escapa ao sentimentalismo romântico – através de insistentes descrições *clínicas* de alterações somáticas.

Em discurso doutrinário, Luís de Magalhães considera que ao realismo de Zola, “exclusivamente analítico”, falta uma dimensão epistémica, generalizadora (Reis 1994: 279-280). Vigorosamente individualizado e absolutamente destacado das outras personagens, o seu brasileiro, herói de tónus mítico e romântico (embora feio), reatualiza um modelo antigo. Como herói, as qualidades excepcionais distinguem-no; provém de família bafejada pela *Boa Sorte*; abandona cedo o lar para longe, sofrendo longamente trabalhos duros, triunfando sobre demónios tentadores; provedor dos humildes, persegue o Bem e a Verdade, em conflito trágico com a realidade; e, finalmente, como tantos heróis, sucumbe à traição feminina.

No sorriso derradeiro (146), a santa ironia espiritualiza-o: embelezam-no finalmente a morte, a sabedoria e o perdão.

Ana Luísa Vilela

Referências bibliográficas:

Magalhães, Luís de, *O Brasileiro Soares* (prefácio e atualização de texto de Clara Rocha). Lisboa: IN-CM, 1980.

Reis, Carlos (coord.) e Ribeiro, Maria Aparecida, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. VI. Lisboa/ São Paulo: Verbo, 1994.

Rocha, Clara, “Introdução”, em Magalhães, Luís de, *O Brasileiro Soares* (prefácio e atualização de texto de Clara Rocha). Lisboa: IN-CM, 1980, pp. 7-14

Voltaire, *Candide*, http://www.ebooksgratuits.com/blackmask/voltaire_candide.pdf